



formava conjuntos semelhantes e, portanto, criava. Mas não é nesse Deus que eu creio. (Talvez ouçamos um ensaio de resposta a esta questão, numa perspectiva que muito me agrada, da boca do Prof. Lums Archer).

2. NA TECNOLOGIA

Eng M* Lourdes Pintasilgo*

Quando pensava o que iria dizer esta manhã, veio-me uma recordação que para a maioria das pessoas que aqui estão se refere a um acontecimento completamente pré-histórico!...Era a primeira (e única) Conferência das Nações Unidas sobre a “utilização da energia atómica para fins pacíficos”, em 1955. Havia então um enorme entusiasmo entre a geração de físicos e engenheiros que trabalhavam no domínio do nuclear. Com a convicção apoiada em varios trabalhos de investigação já realizados, pensávamos que (entre outras utilizações igualmente úteis) as colheitas se iriam multiplicar, tudo cresceria muito mais depressa, resolver-se-iam rapidamente todos os problemas da fome no mundo...

Entretanto, alguns sentíamo-nos atravessados por uma dúvida sistemática: Seria mesmo assim? Estará este domínio tão delicado aberto a uma investigação sem limites?

A Conferência das Nações Unidas não teve sequência. No fim dos anos 50 começou a corrida ao espaço que, pela rivalidade entre as duas superpotências, fez adormecer o trabalho conjunto sobre a investigação relativa à utilização do nuclear para fins pacíficos (excepto no que dizia respeito às centrais nucleares que eram já uma realidade).

No ano seguinte, em Viena, teve lugar o Congresso Mundial da Pax Romana (o Movimento Internacional dos Estudantes e Intelectuais Católicos). Reuniu muitos cristãos que trabalhavam no domínio científico. A interrogação tornou-se então mais explícita: poder-se-á trabalhar na preparação e na produção de tecnologias que são já de si destinadas à destruição? Recordo-me de algumas questões postas, por exemplo, por aqueles que trabalhavam na indústria de explosivos: seria legítimo tentar aperfeiçoar os explosivos existentes?... Outros, vindos da Física nuclear, levantávamos a



questão: não será que todas as técnicas em que estamos a trabalhar no domínio do nuclear podem ser transpostas para o domínio militar? Não será que a barreira entre os usos para fins pacíficos e os usos para fins militares é demasiado ténue? Ou, ainda mais simplesmente: não será que o conhecimento existente no domínio da utilização do nuclear nas centrais está paredes-meias com a fabricação de bombas atómicas? (Mal sabíamos nós que esse seria em grande parte o cerne da guerra do Golfo...)

Estas questões punham-se com muita acuidade. Não me recordo que tenhamos tirado conclusões definitivas, excepto a da legitimidade da interrogação pessoal que ficou sempre presente nessa geração e que provocaria, pela vida fora, inflexões na vida de cada um. Ora essa interrogação é hoje mais do que nunca uma interrogação válida quanto às tecnologias.

1. Começarei por um ponto que é por vezes controverso: a grande mudança que se operou no nosso tempo na relação entre a ciência e a tecnologia (talvez aqui eu não esteja exactamente no comprimento de onda do meu predecessor, o Dr Paulo Bateira).

Na verdade, parece-me cada vez mais difícil a distinção entre, de um lado, ciência pura, e, do outro, ciência aplicada.

Até há alguns anos essa separação parecia muito clara. Correspondia a um sistema de valores completamente interiorizado. A ciência era sempre boa, tinha em si a sua própria racionalidade; se havia algum problema, ele era temporário, a ciência resolvê-lo-ia. Auguste Comte disse isso com toda a clareza, na afirmação de que a ciência pode sempre resolver as suas contradições, mas a tecnologia já não. A tecnologia podia ser “boa” ou “má” (como dizíamos nessa época), consoante a aplicação que lhe fosse dada. Poderia ter um sentido, ou o sentido oposto. Donde a grande tarefa moral que era posta à consciência dos investigadores e de todos aqueles que tinham que aplicar as tecnologias: o Homem devia avaliar sempre as consequências do progresso tecnológico que estava a criar. No domínio da ciência, pelo contrário, o caminho era ilimitado.

Hoje começa-se a perceber que a ciência envolve logo na sua própria produção a tecnologia. Envolve-a tradicionalmente em termos de verificação das várias etapas da criação da própria ciência. Se tomarmos um caso limite, o da Física teórica, verificamos que ela não prescinde em momentos

decisivos da necessidade de verificação experimental; e essa verificação experimental supõe tecnologias cada vez mais sofisticadas.

A ciência, nas suas conquistas recentes, relaciona-se com a tecnologia através de um movimento inverso: não já como causa, mas como consequência do avanço tecnológico. Muitas das descobertas do nosso tempo foram realizadas não por um caminho dedutivo, a partir de uma ciência pura que viesse depois a cristalizar e abrir-se em tecnologias várias, mas sim a partir da própria criação tecnológica. Basta pensar no que foi a grande transformação da Química com o aparecimento das grandes moléculas — estas surgiram através do trabalho de investigação da Companhia Nylon Dupont que estava procurando uma melhoria dos seus próprios produtos. De repente há um facto novo que é a perspectiva das grandes moléculas, a família química que deu origem a este reino dos plásticos em que vivemos (é caso para perguntar se foi uma “boa” ou “má” descoberta!). Foi a partir da concentração tecnológica, do desejo do lucro e da competição que se desembocou numa descoberta científica.

Não é porém necessariamente uma relação de dependência a relação mútua entre a ciência e a tecnologia. Se olharmos para o país que podemos considerar tecnicamente mais desenvolvido, o Japão, é muito interessante verificar que a história do desenvolvimento científico e tecnológico (e, consequentemente, do desenvolvimento económico) se fez e continua a fazer numa interdependência constante entre a tecnologia e a ciência. De tal maneira que, quando se visita um laboratório, é difícil saber se se está perante uma aplicação prática já com fundamento teórico forte ou se, pelo contrário, se trata de uma mera experimentação que mais tarde desembocará numa formulação teórica. O caso do Japão, que se está propagando a outros países da Ásia, leva-nos necessariamente a repensar toda a questão do entrosamento entre a ciência que considerávamos “pura” e a tecnologia que considerávamos como “aplicação” da ciência pura.

Podemos hoje dizer na base da experiência humana e do que conhecemos do mundo, que há tecnologias claramente “más” e que não ficam sujeitas a que nos perguntemos ingenuamente se a sua bondade depende ou não da utilização que lhes for dada. As tecnologias que têm como objectivo a destruição selectiva dos seres humanos, a militarização do espaço, ou a produção de seres humanos programados são três exemplos, todos eles

objecto de investigação, todos eles parte do “progresso tecnológico”, e afinal todos são tecnologias “más” à partida.

Ha pouco tempo conversava com um jovem amigo investigador em Biologia Molecular que está a trabalhar na Agência Europeia do Espaço sobre as condições de habitabilidade do espaço, ou seja, como é que se passa o processo de vida, como é o processo metabólico. Discorramos sobre a importância dessa investigação para resolver a prazo o problema da fome no mundo. A certa altura o jovem investigador dizia: “*esta investigação tem um fim bom, apaixonou-me por isso, mas está paredes-meias com as outras descobertas que estão a ser feitas, situando-se no conjunto de trabalho de desenvolvimento tecnológico que está a ser realizado e que tem como objectivo último a militarização do espaço*”. Este caso mostra que se está a passar em relação ao espaço um processo paralelo àquele que se passou com a energia nuclear.

Por isso ao olharmos apenas para estes três exemplos (a destruição selectiva de seres humanos, tecnologias de armamento e militarização do espaço, ou a produção de seres humanos programados) somos conduzidos a afirmar: há tecnologias más, intrinsecamente más. É preciso afirmá-lo claramente: no conhecimento da ciência e das tecnologias, já nada é neutro. O conhecimento não é neutro, e, por isso, as tecnologias já têm, quando nascem, um sentido.

Reparem o que foi a mudança radical na atitude de Einstein (que ele descreve com grande angústia) perante a produção da bomba atómica. Einstein várias vezes insistiu com o presidente dos E.U.A. para se criar um projecto que, no limite, tinha como objectivo a produção de uma arma muito poderosa assentando no desencadear da reacção em cadeia. Entre esse momento que esteve na base da realização do Projecto Manhattan, e o que começou a ser percebido como consequências da bomba atómica (ainda antes de ela ter explodido sobre Naghasaki ou sobre Hiroshima), Einstein foi tomado dum enorme pânico pelo desastre humano que teria lugar, dum grande consciência de culpa, e foi insistir junto do presidente americano para que tudo fosse nesse momento bloqueado e não se aplicasse a tecnologia descoberta. Quer dizer, faz parte da nossa História contemporânea esta passagem dramática: a passagem da descoberta científica que no ponto de partida parece ser legítima, ao ponto de chegada da realidade tecnológica que afinal é intrinsecamente destrutiva.



Isto só por si leva necessariamente a pôr condições que são condições de comportamento ético muito importantes. Se a ciência e a tecnologia não são neutras, não são também omnipotentes. Embora o conhecimento tenha possibilidade de ir ainda mais longe, para nós é o Espírito que julga tudo. E não só julga as nossas atitudes morais ou das sociedades, julga também a ciência e a tecnologia... Às vezes tenho a sensação que para certas mentalidades a ciência e a tecnologia parecem ser um jardim idílico em que o Espírito não tem essa possibilidade de julgamento...

2. O segundo ponto tem a ver com a sociedade em que vivemos, uma sociedade que é toda ela mediatizada pela técnica. Nos momentos mais anódinos da nossa vida, tudo é técnico. Se repararmos no nosso dia-a-dia, tudo está gerido por regras técnicas e por pequenos "gadgets" técnicos. Deixem-me dar um exemplo curioso, de ordem prática: a nova forma do aeroporto de Lisboa! É interessantíssimo, porque do ponto de vista arquitectónico é uma obra colossal, em muito pouco espaço foi construído um imenso aeroporto (tipicamente português!), e o que é mais curioso é que saímos do avião, entramos naquela manga enorme, vimos por ali fora, andamos, andamos, andamos..., e depois saímos exactamente na mesma escada que distava cinquenta metros do autocarro na versão anterior! Moral da história: embora frequente assiduamente o aeroporto, ainda não sei o caminho! Há uma técnica, e essa técnica ultrapassa-me! (Este exemplo, que toca um aspecto muito concreto — o da organização do espaço —, não envolve sequer alta tecnologia...)

Porquê este exemplo? Porque uma sociedade mediatizada pela técnica abre uma nova era de processo cognitivos. E porque tal facto não tem sido claro, estamos perante um novo tipo de iletrismo (para não lhe chamar de analfabetismo!). Alastram novas zonas de ignorância. Todos nós maneja-mos coisas que não sabemos como funcionam, nem muito menos porque funcionam assim (é verdade ou não?!). Há um enorme consumo de "gadgets" electrónicos, e o que podemos verificar é que esse consumo é generalizado, gradualmente toda a sociedade está permeada de novos utensílios e técnicas. No Verão passado fui dar um passeio na Barragem do Castelo do Bode, no barco que faz a viagem turística no rio. Levava a minha velha máquina fotográfica. Quando olho à volta... era um objecto completamente anacrónico, parecia um dinossauro: toda a gente estava com as suas máquinas de vídeo. Fiquei surpresa! À medida que o mercado se transforma, que uma



tecnologia entra, utilizamos imediatamente novos mecanismos e novos instrumentos.

Preocupa-me que numa sociedade assim mediatizada pela técnica, em que a alta tecnologia tem cada vez mais um papel decisivo, começa a tornar-se claro a incapacidade de muitos grupos compreenderem os sinais e os códigos necessários a esse novo ambiente cultural.

A tentativa de fazer face a esse ambiente conduz a duas atitudes. Uma, é a explicação mágica de toda a realidade, assente na convicção de que em ciência e tecnologia tudo é possível. Na noite do primeiro ataque americano ao Iraque todos nós acreditámos cegamente que só tinha ficado 4% do armamento do Iraque incólume, que tudo o resto tinha sido destruído, não foi? Vimos não sei quantas vezes o quadriculado a focar o lugar e a bomba a cair. Todos acreditámos — toda a gente, em todos os países do mundo! E era uma colossal mentira — a maior parte do arsenal militar estava intacta! Ficamos afinal sujeitos ao império destes sinais, desses códigos que tomamos sempre como verdadeiros — se não fosse assim, a dúvida sistemática em relação a todo o quotidiano levar-nos-ia à paralisia total. Seria muito interessante analisar a guerra do Golfo e a sua transmissão, não só a partir de “porque é que os meios de comunicação fizeram isto ou aquilo”, ou “porque é que os militares o impediram”, mas como explicação mágica da realidade.

Fazem a uma sociedade mediatizada pela técnica, outra atitude toma cada vez mais espaço. É então a tentativa de procurar refúgio em qualquer integrismo, religioso ou político.

À escala individual, o “outro lado” da vida é reduzido a uma explicação de conteúdo simples, movida por certezas e regras claras.

À escala de países inteiros, o integrismo tem aparecido como recusa do modelo de civilização. A linguagem é o instrumento; ao marginalizar grupos e povos, aparece como expressão de um tipo de desenvolvimento alheio à cultura desses povos. Da procura dos seus fundamentos culturais quer no regresso a uma religiosidade extremamente ritual e doutrinariamente rígida, de códigos simples e bem definidos, quer na súbita explosão de nacionalismos como reivindicação de espaços homogêneos, libertos da complexa multiplicidade étnica ou lingüística.

Por outro lado e concomitantemente, há como que uma atomização dos mecanismos de percepção que são solicitados em direcções diferentes pelos

vários instrumentos da alta tecnologia. O ser humano acaba por se experimentar como fragmentado.

Ouvi há pouco o Dr Paulo Bateira fazer referência a um ser humano unificado, a essa unidade que é a nossa aspiração fundamental. O contraste entre essa perspectiva última e a realidade é flagrante: o que a tecnologia hoje produz, são seres completamente fragmentados, seres em fatias, em compartimentos, seres que reagem apenas a estímulos que estão programados e codificados.

Cava-se então, na sociedade, um fosso cada vez maior entre os que entendem os códigos e os sabem interpretar e manipular, e uma massa totalmente alheia a essa linguagem, e mesmo receosa perante ela. É afinal a consequência de um velho mito: até há alguns anos o saber era um grande poder na sociedade (maior que o poder político até): era o saber a que se ia recorrer, uma espécie de torre de marfim em que não se ousava tocar (aliás, daí vem a nossa veneração quando falamos dos professores universitários). Está implícita a noção de que o saber é uma fonte de poder, e está acima de nós.

de saber

Hoje, o poder de “saber fazer”, o poder da própria tecnologia, sobre-
põe-se ao poder. Deslocou-se do saber e reside em novas camadas. É da experiência dos mais velhos que aqui estamos termos um problema no computador ou no vídeo, e chamarmos as pessoas mais novas que conhecemos para virem resolver os problemas como se tivessem nascido já a conhecer todas as coisas! O que nos mostra que o “saber fazer” e o poder do “saber fazer” está hoje em classes muito distintas daquelas que eram as detentoras do saber no passado.

O que quero dizer com isto tudo? Algo de simples: para todos aqueles que estão no domínio do “saber” e do “saber fazer” há uma tarefa de alfabetização científica e tecnológica que é tão importante como a investigação da própria ciência e da própria tecnologia. Só aqueles que querem preservar um poder que já não têm é que se recusam a expor-se; só esses temem os riscos de dizer a outros aquilo que pensam saber ou que pensam saber fazer. É preciso quebrar as muralhas que têm fechado a comunidade dos técnicos na sua própria contemplação e na contemplação dos objectos que criam. Para fazer face ao novo iletrismo — e assim libertar os homens de novas servidões — é necessário que paralelamente ao desenvolvimento tecnológico se desencadeie um processo constante de “alfabetização” científica e tecnológica.



3. Os dois pontos que acabo de referir indicam claramente que a tecnologia é em cada sociedade um elemento-chave da estruturação dessa mesma sociedade. E é-o a três níveis: em termos do seu próprio desenvolvimento, em termos da compreensão dos fenómenos no mundo de hoje, em termos da sua própria evolução democrática.

De forma directa, a tecnologia pode contribuir para o desenvolvimento social e económico — para tanto é necessário que corresponda à fase histórica de desenvolvimento de cada sociedade e que não seja imposta do exterior.

De forma indirecta, a tecnologia pode criar, se não a apetência, pelo menos a necessidade de interpretação dos fenómenos que constituem a contemporaneidade, e alargar assim o horizonte cultural da sociedade.

Finalmente, na medida em que a tecnologia é acessível a todos os que vivem dentro de uma sociedade dada, ela contribui decisivamente para a radicação das normas democráticas na vida social.

Uma consequência se impõe ao nível da governação: a definição da política científica e tecnológica é uma das tarefas primordiais.

Ontem alguém fazia uma reflexão muito interessante: Como é que se faz a escolha entre trabalhar em algo que é uma investigação a médio prazo ou a longo prazo, e algo que corresponde a uma necessidade urgente? É uma interrogação a que é muito difícil responder. Por um lado, é necessária uma massa crítica, mas por outro lado o ser humano não é um ser cuja fronteira é unicamente os contornos do seu corpo. O ser humano é parte do seu ambiente, leva consigo uma realidade mais ampla; há uma extensão de nós próprios que carregamos connosco e que é o nosso próprio ambiente. Por isso mesmo não me parece que a investigação tecnológica e a concentração neste ou naquele aspecto da tecnologia sejam apenas fruto dos interesses individuais, mas são fruto também (ou deveriam ser) do ambiente social, cultural e histórico em que cada indivíduo faz as suas escolhas.

Dou um exemplo "a contrário" que me colocou numa situação extremamente embaraçosa: No fim dos anos 60 estive um tempo em França com uma equipa internacional do Movimento católico a que pertenceço, o Graal. Vinham com frequência visitar a equipa três portuguesas da minha geração que estavam a fazer o doutoramento em Paris. Eis o trabalho das nossas três compatriotas: uma delas estudava o vírus da gripe nos rins do macaco; outra estudava o metabolismo dos escorpiões, que consistia em todos os dias dar bocadinhos de alface a escorpiões e ir pesando os escorpiões ao longo do dia;



e a terceira estudava a evolução do terciário nas terras da zona de Leiria pesando o pólen retido nas terras que levava em sacos até Paris. Todos estes assuntos têm imenso interesse. Mas imaginem a reacção de uma equipa internacional: “Afinal Portugal está muito mais desenvolvido, já não há problemas de fome, já não há problemas na agricultura ou na industrialização, os portugueses estão nas investigações de ponta!” Que responder? Como explicar? Trata-se de pessoas inteligentes, muito capazes, que têm realizado seguramente um bom trabalho, mas podemos-nos perguntar: Isto entrosa numa sociedade como a nossa? De que maneira?... É uma interrogação perfeitamente legítima.

A importância da política científica e tecnológica está, de resto, bem clara nos objectivos que a Comunidade Económica Europeia se deu a si própria com o Acto Único de 1986. A par da livre circulação dos bens e serviços, capitais e pessoas, figura o quadro plurianual de investigação elaborado por varios grupos de trabalho de cientistas dos doze países.

Por isso mesmo me parece importante uma iniciativa que teve lugar há alguns anos na França: em 1983 realizaram-se os “Estados Gerais da Investigação Científica e Tecnológica”. Os cientistas e investigadores contribuíram para a resposta às perguntas: “O que é que é importante no nosso país? Onde vamos concentrar a investigação?”

Iniciativas deste tipo são indispensáveis. Correspondem, a meu ver, a uma exigência ética da comunidade científica, face à tecnologia do nosso tempo. Penso que Portugal não pode evoluir se não houver esta reflexão conjunta independentemente de todas as pressões que possam ser exercidas.

4. A tecnologia é parte da linha de fractura entre o Norte e o Sul. Alguns chamaram-lhe “tecnologia – o cavalo de Tróia da dominação”. Até certo ponto, é assim: é através dela que em grande parte se acentua a dependência do Sul em relação aos países do Norte, a desigualdade de acesso ao conhecimento e às experiências tecnológicas, ao mesmo tempo que se desvalorizaram as tecnologias tradicionais, as economias de subsistência. Numa época em que tentamos definir políticas orientadas para os pobres, precisamos da valorização de tecnologias tradicionais de subsistência como as que se encontram por exemplo entre os Mundos da América Latina.

A transferência de tecnologia é um eufemismo, não há “transferência” nenhuma – mas pura e simplesmente um acto comercial de venda ao Sul

daquilo que é obsoleto e que já não interessa ao Norte. Não há “transferência” de tecnologia, há “venda” de tecnologias, em geral obsoletas.

Qual é então o desafio que se coloca nesta questão tecnológica de fractura Norte-Sul? A possibilidade para o Sul de realizar um curto-circuito de desenvolvimento em que são decisivas as tecnologias a utilizar. Por isso, há um problema ético fundamental, que é a busca dessas tecnologias como prioridade — tecnologias que serão ainda mais do que tecnologias de ponta e que excluem a passagem por todo o circuito a que o Norte teve de fazer face.

Evidentemente a questão da tecnologia e da clivagem Norte-Sul põe um problema ético fundamental. Não dizemos com todo o à vontade que a ciência é universal. Uma vez algo descoberto e conhecido, toda a gente deve saber, toda a gente deve ter acesso a esse saber. E então a tecnologia? Se a tecnologia está ligada à ciência como referi no primeiro ponto, porque é que a tecnologia está protegida pela propriedade intelectual como o maior bem, o mais caro do mundo? Porque é que é exactamente este ponto que está em discussão nas negociações do GATT neste momento? É exactamente a questão da propriedade intelectual relativamente à qual os povos do Sul dizem: “Não ~~hã~~ avançamos em nada que beneficie o Norte sem que a questão da propriedade intelectual, no que diz respeito às tecnologias, seja vista num sentido muito mais humanista do que tem sido encarado até agora”

Fundação Cuidar o Futuro

5. A tecnologia é hoje um ponto-chave da sobrevivência do planeta, da espécie humana. Indico apenas alguns aspectos de investigação que são fundamentais:

Na agricultura, a utilização de tecnologias não poluentes do solo e de conservação da toalha líquida subterrânea; na indústria, não só tecnologias de reciclagem, mas produção de tecnologias que no próprio processo de produção, tornem os seus produtos de facto biodegradáveis (portanto, não é só uma correcção a jusante, é a introdução dum novo factor a montante no processo produtivo); uma prioridade absoluta é a investigação sobre novas fontes de energia, em particular as energias renováveis.

Aquilo a que me referi, e mesmo o modo como comecei esta pequena intervenção, apontam para uma transformação do paradigma que tem estado presente na investigação científica e tecnológica. Não vivemos todos (e

"todos" é o Hemisfério Norte, todos os países industrializados) dum paradigma que é profundamente bíblico, "Dominai a Terra". Este "dominai a Terra" veio justificar e tornar indiscutível toda a conquista científica e tecnológica. /3

Hoje não damos conta que esse "domínio da Terra" tem limites. H nós
Atrevo-me a pôr esta questão: Será ou não que estamos face a um outro paradigma, um paradigma de limites que está também inscrito na nossa pessoa humana?

Tanto assim parece ser que o processo de psicanálise (que muita gente julga que é um processo de libertação em relação a todas as leis, a todos os códigos morais e a todos os limites), não é senão o processo que conduz à descoberta dos limites inscritos na nossa própria consciência. Uma vez liberto o homem de todas as leis, vai encontrar a Lei. Essa é a grande mensagem de Antígona. Há uma lei não escrita, e essa lei não escrita é não só cultural e social, mas é profundamente pessoal, está inscrita em cada um de nós. /2

Estamos numa viragem, numa percepção nova do paradigma fundamental. Gostava que pudéssemos reinterpretar a história dos Génesis justamente desta maneira. A proibição que foi feita a Adão e Eva de "não comerem do fruto da árvore do conhecimento", tem tido numerosas interpretações, desde a interpretação popular, em que se suspeita de um pecado de ordem sexual ("eles viram que estavam nus e tiveram vergonha"), interpretação confirmada pela presença da serpente que aparece em todas as mitologias como ligada às questões sexuais... Há interpretações bastante mais conformes, por exemplo, "é uma questão de orgulho, o homem quis ser como Deus", etc.. /5

Ora Deus disse: "Não podeis comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal". E é aqui que eu encontro a fundamentação do limite. A árvore do conhecimento do bem e do mal não é uma possibilidade ilimitada. Há cerca de 6 anos, o biólogo Professor Testart teve a coragem de dizer: "há uma lógica da não-descoberta e uma ética da não-investigação". Não se trata de um limite imposto de fora, mas do limite que o Homem, pela sua vinculação à História e aos outros homens, vai descobrir como fazendo parte desta proibição "e não comereis o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal". Quem nos pode guiar? Só o Espírito de Deus, porque só Ele é que, dentro de nós, nos permite "julgar o mundo".